

# VIA TEOLÓGICA

Volume 23 – Número 45 – jun. / 2022

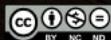
ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

---

## O DESAFIO COMUNITÁRIO DE *SER IGREJA* E A BUSCA DA REVERSÃO DO ÊXODO ECLESIAL

*Me. Francisco Alves de Oliveira*



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

# O DESAFIO COMUNITÁRIO DE *SER IGREJA* E A BUSCA DA REVERSÃO DO ÊXODO ECLESIAL

The communal challenge of *being a church* and the search for a  
reversal of the ecclesial exodus

*Me. Francisco Alves de Oliveira*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana – FTSA. Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade Presbiteriana Mackenzie/RJ. Mestre em Ciências Contábeis pela Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO). Foi professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie/RJ e coordenador na Universidade Estácio de Sá/RJ. É palestrante em eventos empresariais, acadêmicos e de família, e professor de Escola Bíblica Dominical. E-mail: francisco\_alves.2007@globo.com

## RESUMO

O acentuado contingente dentre os que se declaram evangélicos sem frequentar regularmente uma igreja – porque se sentem desprovidos da atenção dos seus pastores, ou porque manifestam intolerância aos dogmas institucionais, ou porque não estão dispostos a enfrentar o desafio comunitário de *ser igreja* – já tem se tornado um fenômeno, sobretudo a partir das últimas décadas. Por outro lado, o valor que a Bíblia atribui à igreja como a comunidade dos fiéis, na qual estes são edificados espiritualmente e onde o nome de Deus é adorado, não pode ser questionado nem ignorado, apesar da realidade do êxodo eclesial. Urge buscar a reversão dessa situação pelo caminho do diálogo, partindo da iniciativa dos pastores, devendo ser isso correspondido pelos que desistiram da pertença eclesial.

**Palavras-chave:** Instituição. Comunidade. Desigrejados. Compromisso. Diálogo.

## ABSTRACT

The large contingent of those who declare themselves to be evangelicals without regularly attending a church – because they feel deprived of the attention of their pastors, or because they manifest intolerance of institutional dogmas, or because they are unwilling to face the communal challenge of being a church – has become a phenomenon, especially since the last decades. On the other hand, the value that the Bible attributes to the church as the community of believers in which they are spiritually edified and where the name of God is worshiped, cannot be questioned or ignored, despite the reality of the ecclesial exodus. It is urgent to seek the reversal of this situation along the path of dialogue,

starting from the initiative of ecclesial leaders, and this should be reciprocated by those who have given up their religious membership.

**Keywords:** Institution. Community. Churchless. Commitment. Dialogue.

## INTRODUÇÃO

O melhor lugar onde se espera encontrar um cristão é na igreja. “Você é de qual igreja?” é normalmente uma pergunta corriqueira que se faz a alguém que se identifica como evangélico. Entretanto, nas últimas décadas – e mais acentuadamente nos últimos anos –, tem crescido o número dos que se apresentam como evangélicos sem pertencerem a nenhuma comunidade, vivendo *de igreja em igreja* ou preferindo *servir a Deus* em casa, ou entre amigos, ou através dos recursos midiáticos. São protagonistas de um novo neologismo: “os desigrejados”.

Considerando o valor que a Bíblia dá à igreja como comunidade dos fiéis, este artigo se propõe a identificar os motivos e motivações que têm fomentado o êxodo de evangélicos, seja pelo trânsito intereclesial, seja pela evasão definitiva da pertença eclesial, mantendo, todavia, a *identidade* evangélica. Neste contexto, há motivos que até possuem fundamentos, e há motivações que representam uma *fuga* do desafio comunitário de *ser igreja* e do compromisso cristão de *ser discípulo*. Por outro lado, aqui também se discorre sobre a postura de alguns pastores, pela forma como tratam (ou ignoram) o rebanho, ou como administram a igreja, ou por outros interesses pessoais, que acabam se tornando um *motivo* para a evasão de membros.

Por fim, este artigo apresenta uma proposta de diálogo, que, por um lado, deve ser protagonizado pelos pastores no sentido de fazerem uma autocrítica e *buscarem* a ovelha perdida; e por outro, deve ser correspondido pelos desigrejados, no sentido de reverem seus conceitos (e preconceitos) sobre o valor da igreja local e o desafio comunitário de *ser igreja*.

# 1. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A IGREJA E O CULTO

## 1.1 A IGREJA LOCAL E A SUA NECESSIDADE DE UM LOCAL PARA SE REUNIR EM ASSEMBLEIA

A primeira referência sobre a existência de um grupo que se reunia em assembleia para adoração a Deus está no povo de Israel no deserto, no Tabernáculo, também conhecido como Tenda do Encontro, ou Tenda da Congregação. É importante notar que o nome pelo qual se chamava o tabernáculo pressupõe o ajuntamento de pessoas, com um propósito definido. Embora fosse móvel, aquele era o local determinado por Javé para a adoração ao Seu nome, para a entrega das oferendas e para o restabelecimento da comunhão com o Eterno (mediante a oferta pelo pecado), e era lá, somente lá, que a glória de Javé se manifestava e onde Ele falava com o povo através de um líder (Êx 33.7-11). Esse formato manteve-se durante todo o período da liga tribal<sup>2</sup> e, embora na monarquia a Tenda do Encontro tenha sido substituída pelo Templo, onde os procedimentos litúrgicos se mantiveram, é oportuno lembrar que, na inauguração deste – que passou a se chamar *a Casa do Senhor* –, a glória de Javé de manifestou tal como dantes ocorrera na Tenda (2Cr 5.13,14; 7.1-3), e Este prometera responder a toda oração que se Lhe fizesse naquele local (2Cr 7.1-4, 15,16). No pós-exílio, a primeira providência que se tomou, por ordem de Ciro, o Grande (Ed 5.13), foi justamente a restauração do Templo.<sup>3</sup> Essa retrospectiva faz-se oportuna, para mostrar a importância de um local destinado à adoração a Deus, em assembleia, fato tão bem descrito em inú-

2 Aproximadamente entre 1220 a 1050 a.C.

3 As narrativas bíblicas relatam que sempre houve um local determinado onde se oferecia o culto a Javé: da Criação ao Êxodo (período patriarcal), a adoração era feita em família; do Êxodo à Monarquia, o culto era feito na Tenda do Encontro (onde estava Arca da Aliança); da Monarquia ao Exílio, Javé era adorado no Templo; durante o Exílio, os judeus O adoravam nas sinagogas; e no Pós- Exílio, o Templo voltou a ser usado como local de culto comunitário a Javé.

meras referências em todo o Livro dos Salmos, como em 27.4, 84.2-4,10 e 122.1, para citar três exemplos.

No Novo Testamento, os cristãos se reuniam inicialmente no Templo (At 2.46), mas depois, para justificar o rompimento com os dogmas judaizantes, passaram a se reunir em casas (At 8.3; 12.12; 16.40), e mais tarde, já possuíam um local comum para suas reuniões, que eram chamadas de igreja (At 5.11; 9.31; 11.22,26; 13.1; 14.23,27; 15.4,22; 16.5; 18.22; Rm 16.1,4,5; 1Co 1.2; 4.17), para citar apenas estes poucos exemplos.

Neste sentido, o teólogo belga José Comblin afirma que “a igreja nunca se desliga da comunidade concreta, local, material. A igreja nunca será uma entidade puramente celestial ou abstrata. Quem pensa na igreja, pensa imediatamente e em primeiro lugar na comunidade concreta” (COMBLIN, 1998, p. 106). Um local onde os crentes pudessem se reunir regularmente tornou-se imprescindível desde então, por permitir que o ajuntamento dos fiéis – que se chama Igreja – se tornasse, desta forma, uma referência de adoração, de ensino da Palavra de Deus e de crescimento espiritual de todos os seus integrantes. Subjetivamente, a Igreja é universal e é composta por toda raça, tribo, língua e nação (para usar as mesmas palavras do Apocalipse) daqueles que se tornaram filhos de Deus pelo sangue do Cordeiro; entretanto, objetivamente, a Igreja é local e está onde há um grupo de fiéis, grande ou pequeno, reunido em algum lugar, com o propósito de adorar a Deus e aprender dele (Sl 27.4). Ela não é um local, mas precisa de um local. Isso é fato desde que ela passou a existir.

O teólogo Zacarias Aguiar Severa discorre sobre o dualismo *igreja universal x igreja local* afirmando que aquela não tem uma organização humana nem um líder humano, nem se reúne como um todo em algum lugar do mundo, “mas ela existe e se faz presente no mundo através das diversas comunidades de fé espalhadas pela face da terra” (SEVERA, 2014, p. 274). Em relação à igreja local, ele diz:

Mais de 80 por cento em que a palavra “igreja” aparece no Novo Testamento faz referência a uma igreja local. A maioria das epístolas foi enviada para determinadas igrejas, como também as cartas às sete igrejas do Apocalipse. A igreja local pode ser um grupo único de uma determinada cidade (At 11.26; 1 Co 1.2; Gl 1.2; 1 Ts 1.1), ou pequenos grupos reunidos em casas individuais (Rm 16.5; 1 Co 16.19; Fm 2). O tamanho numérico do grupo não determina o uso do nome “igreja” (SEVERA, 2014, p. 275).

A igreja reúne-se sistematicamente em um determinado local – normalmente um templo –, com objetivos e propósitos definidos. Para o salmista (Sl 27.4 NVI), isso inclui “contemplar a bondade do Senhor” (adoração) e “buscar sua orientação no seu templo” (crescimento espiritual pelo ensino da Palavra de Deus). Davi usa o pronome possessivo “seu” para se referir ao templo como sendo de pertença divina. Não por acaso, a expressão “minha casa” – referindo-se a um local para adoração – é usada várias vezes por Deus Pai no Antigo Testamento, e pelo menos uma vez por Jesus, ao citar os escritos proféticos em relação ao Templo, por ocasião da *purificação* deste (Mt 21.13; Mc 11.17; Lc 19.46). Jesus também usou a expressão “casa de Deus” em outra referência ao Templo (Mt 12.4; Mc 2.26; Lc 6.4), e o considerava um lugar santo (Mt 23.17,19).

## 1.2 O SIGNIFICADO DA PALAVRA “IGREJA” E SUAS APLICAÇÕES

Na Teologia Sistemática, o estudo da igreja (eclesiologia) é apresentado logo após o da salvação (soteriologia) e o da obra do Espírito Santo (pneumatologia), indicando que as pessoas salvas por Cristo formam a igreja e nela devem viver. Deste modo, embora o termo *igreja* possa, culturalmente, também se referir ao local onde se ofereça o culto a Deus, na verdade, o seu significado é outro. A palavra “igreja”, traduzida para o grego por

“ἐκκλησία (*ekklesia*)”, originária de “ἐκκαλέω (*ek-kaleô*)” com o significado etimológico de “os chamados para fora”, tem o mesmo sentido de “קָהָל (*qáhál*)”, e “עֵדָה (*édáh*)” do hebraico, que corresponde a uma assembleia, congregação, comunidade, povo, público. Com exceção das cinco ocorrências em que *ekklesia* não está relacionada a uma reunião de cristãos (At. 7.38; 19.32,39,41; Hb 2.12), a palavra aparece mais 110 vezes no Novo Testamento, traduzida para o Português por “igreja”, ou “igrejas”, referindo-se ao grupo dos seguidores de Cristo.

Atribuir o termo *igreja* ao templo é um hábito que se popularizou, embora isso não possua fundamento teológico. O teólogo Michael L. Dusing até “contemporiza” esse costume:

Hoje, “igreja” comporta vários significados. Refere-se frequentemente ao prédio onde os crentes se reúnem (por exemplo: “Estamos indo à igreja”). Pode indicar a nossa comunhão local ou denominação (“Minha igreja ensina o batismo por imersão”) ou um grupo religioso regional ou nacional (“a igreja da Inglaterra”). A palavra é empregada frequentemente com referência a todos os crentes nascidos de novo, independentemente de suas diferenças geográficas e culturais (“a Igreja do Senhor Jesus Cristo”). Mas seja como for, o significado bíblico de “igreja” refere-se primariamente não às instituições e culturas, mas sim às pessoas reconciliadas com Deus mediante a obra salvífica de Cristo e que agora pertencem a Ele (DUSING, 1996, p. 537-538).

O termo *igreja*, portanto, embora se refira diretamente ao ajuntamento dos cristãos em assembleia para o culto, também é consensualmente conhecido como o local estabelecido para esse ajuntamento, seja um templo, um teatro, uma tenda, uma casa, mesmo sendo essa terminologia inadequada para este contexto. A rigor, o mais importante não é a existência de um local onde a assembleia possa se reunir, mas o *poder reunir-se* regularmente em um determinado local, com um propósito comum, sob uma liderança (Ef 4.11,12; 1Co 12.27,28), e com uma organização es-

tabelecida (Rm 12.4-8; 1Co 14.26-40). Em sua declaração “Pois onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali eu estou no meio deles” (Mt 18.20 NVI), Jesus usa dois advérbios de lugar (*onde* e *ali*), deixando claro que um local onde o seu povo *possa se reunir* para cultuá-lo deve, sim, ser levado em consideração, merecendo respeito e temor, pois é chamado “Santuário de Deus” (Ec 5.1 NVI). Aliás, foi por isso mesmo que Jesus confrontou fisicamente aqueles que *se reuniam* no Templo com motivações bem diferentes daquilo que se espera de um adorador (Mc 11.15-17).

Quando Cristo faz menção à Sua Igreja, Ele se refere a algo que está edificando e vislumbra um ajuntamento (Mt 16.18; 18.17), que é chamado por Paulo de *corpo de Cristo*, sendo este *a cabeça* (1Co 12.27; Cl 1.18; 2.19). Neste sentido, Paulo discorre sobre as características do corpo, mostrando a interdependência dos seus membros e a importância de cada um deles – quando ligados àquele. Assim sendo, não há fundamento bíblico-teológico para alguém *se dizer igreja* sem participar de um ajuntamento organizado, como corpo de Cristo; e se alguém não *é igreja*, em tese não faz parte desse corpo, pois o *cultuar* envolve ouvir a Palavra de Deus, celebrar, fazer festa em unidade (Paulo confrontou os crentes de Corinto, porque estes se reuniam “como igreja”, mas em facções).

Neste contexto, e para asseverar que a igreja não pode ser identificada por uma única pessoa, o teólogo Marcos Orison Nunes de Almeida discorre sobre três categorias atribuídas a esta, enquanto comunidade de fiéis, apresentando para cada uma delas uma característica que a identifique (ALMEIDA, 2017, p. 30-51):

- a) Como corpo de Cristo – uma unidade indissolúvel, composta de várias partes diferentes e interdependentes, apesar da aparência, e que possui apenas uma cabeça que o comanda. Essa característica é denominada “*esfera intraeclesial*”, isto é, o relacionamento interno entre os crentes de uma determinada congregação.

- b) Como povo de Deus – configurando a união de várias igrejas locais, que vem a ser a “*esfera intereclesial*”, em uma dimensão mais ampla, mas sem abranger qualquer aspecto atribuído ao denominacionalismo nem às facções a que Paulo se refere em 1 Coríntios 1.11-13, escolhido para ser diferente dos demais e ao mesmo tempo ser bênção para os outros.
- c) Como agente missionário – a esta característica se aplica a “*esfera extraeclesial*”, no sentido de que Deus não é apenas o Deus do sagrado (religioso), mas também o Deus do secular (sociedade). Ele se interessa pelo seu povo, mas também por todas as nações e pela natureza. O significado etimológico atribuído a *ekklesia* como “os chamados para fora” é adequado a este contexto apresentado por Almeida.

Não pode existir fé cristã de verdade separada do corpo de Cristo. O *ser igreja*, portanto, pressupõe ajuntamento, e é o que de fato importa, restando certo de que esse agrupamento, para *ser igreja*, pressupõe comunhão, respeito mútuo, amor, renúncia própria, submissão, serviço, discipulado, e outros aspectos correlatos.

186

### 1.3 O SIGNIFICADO E O VALOR DO CULTO COMUNITÁRIO

O *apego* divino a um local onde o povo de Deus se reúne não está, nem de longe, atribuído à sua estrutura física, ao templo em si, mas ao que acontece no seu interior: o culto. Há coisas que só acontecem no culto. Uma das principais ordenanças de Cristo à igreja – a Santa Ceia, só se pratica no culto. Há manifestações divinas que só ocorrem durante o culto, como a profecia, a pregação, o ensino, o louvor, a distribuição dos dons espirituais, a *koinonia*, etc. É justamente em função disso que Paulo, em pelo menos três dos seus escritos, discorre sobre os ministérios da igreja local, estabelecidos por Deus: Rm 12.4-8; 1Co 12.27,28 e Ef 4.11-16. Estes três textos (somados a 1Co 14), são a principal base

bíblica do Novo Testamento para fundamentar o cuidado divino em relação ao culto e ao que se deve ministrar ao seu povo na igreja, e como isso deverá ser feito, e com qual propósito.

O primeiro texto trata da interdependência dos membros do corpo de Cristo (a igreja congregada) e da forma como os dons e ministérios, distribuídos por Deus, devem ser exercidos em favor de cada membro, de acordo com as suas necessidades. Se Deus assim o estabeleceu, é porque cada crente precisa desse tipo de assistência dentro da igreja, para que possa ser edificado e cresça espiritualmente. John Bevere afirma que cada parte do corpo é responsável pelas demais, e que, se alguma dessas partes se recusar a trabalhar ou decidir parar, todo o corpo será afetado. “Se Satanás conseguir fazer com que coloquemos o foco em nós mesmos, em vez de servirmos aos outros, então todo o corpo sofrerá” (BEVERE, 2012, p. 55). Ele acrescenta:

Assim como nossos corpos físicos contêm muitas partes que diferem em função e capacidade, também os membros do corpo de Cristo funcionam em diferentes chamados e dons. Deus determina o propósito e a função deles. Cada um é importante, e nenhum deles é independente dos outros. [...] Não existem partes aleijadas ou inúteis nesse corpo (BEVERE, 2012, p.39, 51).

No segundo texto, Paulo apresenta os ministérios que Deus mesmo estabeleceu para a igreja local, com o propósito de levar os crentes ao conhecimento, aperfeiçoamento e crescimento; e no terceiro, apresenta a hierarquia dos dons e ministérios estabelecidos por Deus para a igreja local, visando à assistência espiritual e social dos membros. Em 1 Coríntios 14, Paulo dá instruções detalhadas sobre o uso de alguns dons durante o culto, a fim de que tudo se faça com decência e ordem, e leve todos ao aperfeiçoamento espiritual.

Muitos desses ministérios só podem ser exercidos durante o culto; assim, aquele que se declara cristão, mas deixa de frequentar a igreja, está deixando de receber a edificação de que

tanto necessita para, primeiramente, manter-se firme em sua fé, e depois, experimentar o crescimento espiritual e, em seu devido tempo, também passar a exercer algum ministério. Definitivamente, ignorar a necessidade de cultivar em conjunto com os demais e deixar de receber os benefícios que disso procedem, não garante a ninguém qualquer firmeza na carreira espiritual.

Sobre a importância do culto para a fé cristã, Almeida afirma que, antes mesmo de ser uma tentativa de conexão com o ser divino, o culto é um acordo coletivo sobre a forma pela qual comunicamos algo. “É nele que os valores compartilhados por um grupo são expressos e, nesse sentido, o culto se torna restrito à cultura, uma vez que esta é a estrutura na qual a língua, os costumes e os hábitos estão elaborados” (ALMEIDA, 2017, p. 12). Ele ainda acrescenta que “o culto semanal se tornou o mais importante momento na vida comunitária da igreja, e é por aquilo que acontece no culto que as pessoas recebem a maior parte das informações teológicas sobre Deus e a fé cristã” (p. 7). Ele destaca que “o culto envolve certo mistério transformador, e desta forma, a sua simples prática ou participação afeta a nossa vida, fé e compreensão da divindade” (p. 7).

O valor do culto comunitário abrange, portanto, vários benefícios para uma vida cristã em movimento. Além do disciplinado pelo ensino, do desenvolvimento dos ministérios e das ordenanças da igreja, outro aspecto a ser considerado neste contexto é a pregação, que possui papel fundamental para quem frequenta uma comunidade cristã. John MacArthur afirma que “Somente quando a pregação tem o seu devido conteúdo é que ela pode cumprir a função que Deus lhe outorgou na igreja. Ela não é um exercício de oratória para o pregador, mas um elemento essencial no crescimento do corpo de Cristo” (MACARTHUR, 1998, p. 287). Depreende-se – como Paulo afirma em Romanos 10.17 – que a fé, advinda do ato de ouvir a Palavra de Deus, passa a ser nutrida pela pregação ministrada durante o culto. Neste sentido, o cristão que deixou de frequentar regularmente o culto comunitário está, em tese, expondo a sua fé ao risco de inanição.

## 2. ALGUNS MOTIVOS E MOTIVAÇÕES PARA O ÊXODO ECLESIAL

Em que pese a importância da igreja local como corpo de Cristo, povo de Deus e agente missionário, nas últimas décadas tem crescido acentuadamente o número daqueles que, dizendo-se cristãos, decidiram emancipar-se da pertença eclesial, apresentando motivos os mais diversos, induzidos por motivações egocêntricas, e até mesmo por um relativismo cético. Um dos motivos que usualmente se apresenta para a evasão eclesial é a chamada *espiritualidade para além da religião*, fruto da pós-modernidade, com o pretexto de ser uma alternativa à dogmatização e à institucionalização, embora admitindo a religião ainda atraia o interesse das pessoas, mas com outras perspectivas, onde o místico substitui o doutrinário, o afetivo supera o ritual e o experiencial suplanta o institucional.

Nesta perspectiva, Alonso Gonçalves entende ser possível construir outras maneiras de se relacionar com Deus que não necessitem, prioritariamente, das organizações religiosas, e também considera que grande parte das necessidades espirituais das pessoas não depende da compreensão ou da inserção em grandes sistemas religiosos, pois concorda com a ideia de que essas pessoas se contentariam com fragmentos que fariam sentido para elas naquele momento, e, sob esse ponto de vista, o simples fato de pertencer a uma religião não significaria que outras formas religiosas não seriam também atraentes, e até mesmo praticáveis (GONÇALVES, 2014, p. 8,9,10).

Outro fato que se apresenta como motivo para a evasão eclesial tem sido a midiaticização da sociedade. Muitas igrejas têm investido em recursos midiáticos (TV, rádio, internet) no sentido de expandirem a proclamação do evangelho e, com isso, alcançarem àqueles que ainda não foram evangelizados pessoalmente. Mas, o resultado disso tem sido uma expressiva acomodação por parte de muitos que, diante do acesso fácil a algum

conteúdo religioso, preferem *se servir* disso em sua zona de conforto a frequentarem regularmente uma igreja, buscando nutrir sua espiritualidade a partir das *experiências* midiáticas, vez que as tais não pressupõem uma relação interpessoal intensa, estando cientes, todavia, de que na igreja poderiam ser assistidos por seus pastores e desenvolver novos relacionamentos cristãos, sem, contudo, deixar de enfrentar o desafio comunitário de *ser igreja*. É verdadeiro que grande parte dos que assim se comportam é formada por quem um dia já foi membro de uma igreja.

Para Sergio H. S. Bueno, “Hoje as igrejas não possuem um público de fiéis fixo e estável. Devido ao surgimento das ditas igrejas midiáticas, o público passou a ser itinerante, que não mais se reúnem apenas nos bancos da igreja, mas em qualquer lugar do universo, por conta do processo de mediação” (BUENO, 2013, p. 8). Por outro lado, há os que deixam de frequentar suas igrejas porque estas estariam concentrando seus recursos na mediação, em vez de investirem no discipulado e na assistência espiritual aos seus membros. Além disso, a mediação também estaria produzindo “líderes” que teriam se transformado em “ídolos” por aqueles que nutriram uma aversão ao convívio cristão comunitário, influenciados pelo conteúdo *agressivo* das suas mensagens contra a pertença eclesial.

A distância que algumas igrejas mantêm do modelo deixado por Jesus e os apóstolos é um dos pontos levantados por Alderi Matos – o que estaria levando muitos a desistirem da pertença eclesial. Em sua opinião, há uma grande ironia e um flagrante paradoxo no trato com os membros:

Essas igrejas fazem um enorme e apreciável investimento na área da evangelização, da atração de novas pessoas e famílias para o evangelho de Cristo. [...] Porém, tão logo essas pessoas se convertem e são recebidas na igreja, elas são, por assim dizer, esquecidas e caem na rotina da vida da comunidade. Como elas já estão do lado de dentro, entende-se que não mais precisam de

tanta atenção. É assim que muitos novos membros depois de algum tempo acabam se decepcionando, perdendo o seu entusiasmo inicial e abandonando a igreja (MATOS, 2014, p. 31).

Ir à igreja é sempre uma boa – senão a melhor – escolha que um cristão pode fazer (Sl 84.4,10; 122.1). Há certas manifestações espirituais que só ocorrem lá – onde a presença espiritual de Cristo é garantida (Mt 18.20) –, motivadas pela reunião dos crentes em um propósito único de adoração e aprendizado da Palavra de Deus, que lhes proporciona o crescimento espiritual de que tanto necessitam. Entretanto, nem todos os que vão à igreja têm a mesma motivação. Há os que estão por lá mais como plateia do que como ovelha. Alguns vão lá apenas à *caça* de uma *selfie* com o seu cantor preferido, que por lá esteja se apresentando, ou apenas como bisbilhoteiros da liturgia alheia. Assim, *somem* da igreja com a mesma facilidade com que aparecem. Outros estão à procura da *igreja perfeita*, ignorando que esta é composta por humanos. Desta forma, de tanto andarem de igreja em igreja, sem encontrarem uma *do seu agrado*, acabam por desistir em definitivo da vinculação a uma instituição religiosa.

Aliás, a aversão à institucionalização eclesial tem sido outro motivo para o êxodo de membros. Há quem enxergue a igreja apenas em uma dimensão – a universal – ignorando que a igreja local é uma representação daquela. Pessoas que foram membros de uma igreja por muito tempo, agora estão desvendando outro caminho para uma espiritualidade sem o direcionamento de uma igreja institucional. Para Sérgio H. S. Bueno, o acentuado êxodo de fiéis nas igrejas locais destaca-se pela forte marca da institucionalização. Em sua opinião

Muitas pessoas estão desencorajadas pelas cicatrizes trazidas pela institucionalização, cristãos prejudicados por falta de projetos ministeriais, relacionamentos funcionais, falta de preocupação com o discipulado, proclamação utilitarista, apelos financeiros exagerados, entre outros motivos (BUENO, 2013, p. 10).

A rigor, o problema não está na institucionalização da igreja local nem no uso que esta possa fazer da mídia para divulgar seus trabalhos, e sim na maneira como lida com a institucionalização e na forma como usa os recursos midiáticos, algumas vezes visando apenas à sua autopromoção e ao crescimento quantitativo. Isso pode ter desviado o seu foco da atenção que deveria dar aos seus membros, no sentido de investir no cuidado e discipulado destes, para fazê-los crescer espiritualmente.

O acentuado crescimento dos que se denominam *sem-igreja* é, (1) em parte, fruto de uma institucionalização engessada, denominacionista, ritualista e muitas vezes legalista; (2) em parte, advinda do comportamento de alguns pastores e líderes, que não têm procurado se inteirar sobre o que significa *ser igreja*; e, (3) em parte, resultado do comportamento de alguns membros não dispostos a se tornarem discípulos de Cristo, fato que requer submissão, obediência e renúncia própria. Estes, por sua vez, precisam procurar compreender que *ser igreja* não pressupõe trilhar um caminho perfeito e sem adversidades, como afirma Bueno:

A igreja também vive aqui de modo imperfeito, com contrastes e ambiguidades, tentando vivenciar e mostrar que Cristo habita nela, portanto habita em seres humanos como nós, que o confessam como Senhor, mas que muitas vezes não demonstram estar debaixo desse mesmo senhorio (BUENO, 2013, p. 14).

Ainda que a igreja local não seja, na essência, uma organização de fato, todavia precisa de organização (secretaria, tesouraria, contabilidade, recepção, manutenção), para servir aos fiéis (cf. At 6.1-3) e para oferecer um culto decente e organizado (cf. 1Co 14). Da mesma forma, a igreja, em si, não é uma instituição, mas o seu ajuntamento usual em um determinado local precisa ser regularizado através de um CNPJ, um endereço fixo, um alvará, uma conta bancária, e possui obrigações acessórias periódicas a cumprir perante as autoridades fiscais.

Ignorar essa realidade soa ignorante, assim como também soa utópico alguém querer dissociar o organismo da organização. As duas naturezas coexistem, mas a organização deve estar sempre a serviço do organismo, ao invés deste ser ofuscado por aquela. A organização é fundamental, em todos os seus aspectos, para o bom funcionamento do organismo, não só no tocante a uma ação eficaz de evangelização e assistência social, mas também em ações que visem ao crescimento interno do organismo através do discipulado.

Ainda neste contexto, *Alderí Souza de Matos apresenta outros motivos e motivações para o êxodo de fiéis*, partindo da segmentação do protestantismo no Brasil como a causa do trânsito de membros entre as diversas denominações evangélicas, que algumas vezes ocorria num contexto conflitivo. Ele classifica esse trânsito em três categorias: (1) Cisões ou cismas, como fruto da ocorrência de divisões nas igrejas; (2) Adesão a outros grupos religiosos considerados heterodoxos – seja pela falta de assistência em sua igreja de origem, seja pela ação *proselitista* desses novos grupos, seja pela curiosidade de conhecer novas experiências; e (3) o Abandono da fé – seja por quebra de padrões doutrinários, seja por transgressão moral ou ética dos dissidentes (MATOS, 2014, p. 25-27).

### 3. VIRTUDES E DEFEITOS ATRIBUÍDOS AO MINISTÉRIO PASTORAL

Há outro motivo elencado entre os que se apresentam como propulsores da evasão de fiéis, que é a postura de alguns pastores frente ao rebanho. A verdade é que existem pastores e “pastores”. Não sem sentido, Jesus classificou-se como “O bom pastor”, o que pressupõe, dentre outras coisas, dar a própria vida pelas ovelhas (Jo 10.11-15). Com isso, o Mestre deixa transparecer a possibilidade de existirem alguns pastores que talvez não sejam tão *bons* assim, que não estejam tão dispostos a ir até

às últimas consequências pelo cuidado do rebanho, e por isso, podem estar entre os responsáveis pelo acentuado número de membros que estão desacreditando na igreja local.

Por outro lado, existe uma aparente busca pessoal por parte de alguns crentes para *tornarem-se* pastores. Parece que, no pensamento de alguns, isso faz parte de um plano de carreira ministerial. Supõe-se, a partir disso, que essa obsessão por *se tornar um pastor* não leve em conta o enorme peso da responsabilidade atribuída ao ministério pastoral. A Bíblia diz que Deus deu pastores e outros líderes à igreja (não igreja a estes), com um propósito definido:

Com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado, até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo. O propósito é que não sejamos mais como crianças, levados de um lado para outro pelas ondas, nem jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina e pela astúcia e esperteza de homens que induzem ao erro. Antes, seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. Dele todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função (Ef 4.12-16 NVI).

Este texto mostra o que se espera de um pastor: que este prepare os crentes (através do discipulado) para levá-los à maturidade espiritual, a fim de não serem enganados, e para que assumam o seu devido lugar como membros do corpo de Cristo (igreja local), e por fim sejam edificados à medida que se integram a esse corpo. A Bíblia também determina que os pastores devam: (1) possuir uma postura de fé digna de ser imitada; (2) velar pelas almas dos membros da igreja; (3) prestar contas a Deus sobre a vida de *cada um* desses membros; e (4) fazer isso com alegria, e não gemendo (Hb 13.7,17). Com muita proprie-

dade, a Bíblia ainda acrescenta esta recomendação, quanto à atenção que os pastores devem dar aos membros da igreja: “Esforce-se para saber bem como suas ovelhas estão; dê cuidadosa atenção aos seus rebanhos (Pv 27.23 NVI).

Nelson Bomilcar destaca dois aspectos atribuídos a esse perfil pastoral: (1) *pastores como orientadores espirituais*, que pressupõe: (a) dar atenção aos detalhes específicos dos incidentes e lutas diárias; (b) levar a sério o que os outros veem casualmente ou sem nenhuma importância; (c) considerar a cultura e o contexto nos quais as ovelhas tentam viver o evangelho; (d) reconhecer as manifestações de Deus no dia a dia das ovelhas; e (e) orientar as ovelhas a buscarem o sagrado, a considerar o autor da vida e a vida desse autor em todas as suas áreas; e (2) *pastores como Jesus*, que pressupõe: (a) conduzir o rebanho de Deus com uma espiritualidade simples e profunda, construída na oração, na meditação e no estudo da Palavra, e que gere prática coerente; (b) discernir, ouvir e reconhecer Deus; (c) não subestimar o poder de Satanás e sua atuação; (d) resistir às sutilezas e opressões satânicas, defendendo e protegendo as ovelhas; e (e) encontrar o equilíbrio e a integridade de lidar com o pecado com firmeza, misericórdia e graça na vida das ovelhas (BOMILCAR, 2012, p. 111-115). Ele acrescenta esta reflexão:

Infelizmente, pastores e líderes têm suas pregações e conteúdos de explanação muito alienados da realidade, deixando ovelhas à mercê dos ventos de uma espiritualidade distorcida. Além disso, ignoram questões que são constantemente adiadas e que pedem uma urgente reflexão e orientação, como nos assuntos que tratam sobre aborto, sexualidade, cultura, eutanásia, política, responsabilidade social, ecologia e sustentabilidade, divórcio, etc. (BOMILCAR, 2012, p. 112).

Ainda neste contexto, Paulo fez um importante alerta aos pastores da cidade de Éfeso, quando se despediu destes, e que se aplica aos nossos dias, merecendo ser destacado aqui:

Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, que ele comprou com o seu próprio sangue. Sei que, depois da minha partida, lobos ferozes penetrarão no meio de vocês e não pouparão o rebanho. E dentre vocês mesmos se levantarão homens que torcerão a verdade, a fim de atrair os discípulos. Por isso, vigiem! Lembrem-se de que durante três anos jamais cessei de advertir a cada um de vocês disso, noite e dia, com lágrimas (At 20.28-31 NVI).

Assim como Paulo, Pedro também foi bem claro em suas recomendações sobre a conduta que se espera de um pastor:

Portanto, apelo para os presbíteros que há entre vocês, e o faço na qualidade de presbítero como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo, como alguém que participará da glória a ser revelada: Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir. Não ajam como dominadores dos que lhes foram confiados, mas como exemplos para o rebanho. Quando se manifestar o Supremo Pastor, vocês receberão a imperecível coroa da glória (1 Pe 5.1-4 NVI).

A postura de muitos pastores no sentido de negligenciarem a atenção aos membros – seja por falta de tempo, ou de organização, ou de visão ministerial, ou de amor, ou até mesmo por pura ganância de se projetarem perante os de fora, esquecendo os de dentro – pode estar levando muitos a abandonarem a sua congregação, ou, quem sabe, até mesmo a sua fé.

Para Richard Baxter, “É trágico quando os homens aceitam uma vocação e não sabem qual é a sua natureza e, portanto, não sabem com o que se comprometeram” (BAXTER, 1989, p. 116). Ele sugere quatro itens que devem fazer parte da vida do pastor de qualquer igreja: (1) ser vigilante (At 20.28), e não posstar-se como um semideus ante o qual o povo deva prostrar-se;

(2) aceitar solenemente o seu encargo pessoal, tendo o cuidado com o orgulho e a autossuficiência, sem desprezar os mestres de quem aprendeu; (3) reconhecer o privilégio de ser ministro como um elemento motivador e aceitar viver do sustento provido pela igreja, mas tendo o cuidado para não lutar por proeminência e posição; e (4) reconhecer a sua mordomia em Cristo, sabendo que, se Ele o chamou, também cuidará da sua segurança (BAXTER, 1989, p. 116).

Todos esses aspectos atribuídos ao ministério pastoral precisam ser compreendidos, aceitos e praticados por quem foi separado para esse ofício. Não basta ser pastor apenas para seguir um plano de carreira ou manter viva uma dinastia. É preciso estar comprometido com o discipulado do rebanho, com o estímulo à sua edificação espiritual, com a provisão de oportunidades para o desenvolvimento deste e com as mudanças transformacionais que precisa experimentar. A falta desse comprometimento tem enfadado a muitas ovelhas que, desidratadas, estão procurando saciar sua sede em outros redis, ou, até mesmo, se desgarrando por completo do rebanho. Isso requer muita reflexão por quem exerce o ministério pastoral, restando certo de que tal atitude lhe será cobrada no Tribunal de Cristo.

## 4. UM OLHAR SOBRE O PERFIL DOS QUE DESISTIRAM DE *SER IGREJA*

É verdade que a toda ação se pressupõe uma reação. O argumento defendido por aqueles que deixaram a igreja – dentre os quais há também os que *se levantam* contra a instituição e procuram denegrir a sua imagem e a dos seus líderes –, é que eles não foram bem tratados ou que as suas expectativas não foram atendidas. Apresentam-se como *vítimas* da sociedade eclesial e *estão sempre* com a razão. Na opinião destes, só há erros nas igrejas e em seus pastores, e assim, procuram (quando o fazem) *servir* a Deus a seu modo, sem se submeter a qualquer

ordem ou organização. É como se não existisse sequer uma igreja que fosse capaz de acolhê-los. Neste sentido, preferem *vegetar* espiritualmente a experimentar o que significa *negar-se a si mesmo* – perfil que Jesus estabeleceu para quem se dispõe a segui-lo.

Que há problemas em muitas igrejas é fato; que há pastores que não apascentam adequadamente é indiscutível. Mas também é verdade que há muitos *crentes* que são mais plateia e consumidores do que rebanho. Na opinião de Nelson Bomilcar, “muitos sem-igreja não querem mais sofrer as dores de ser comunidade com todas as suas possibilidades ambíguas e distintas. Não querem nada que provoque dores ou emoções na mente e no corpo” (BOMILCAR, 2012, p. 141). Pertencer a uma comunidade de fiéis sem esperar desapontamentos é uma utopia. Encontrar uma igreja onde tudo funcione como desejamos e na qual nunca iremos nos frustrar é mais utópico ainda. Henri Nouwen faz um resumo sobre essa realidade em poucas frases:

198

O amor de Deus é ilimitado; o nosso não. Qualquer relacionamento no qual se envolver – comunhão, amizade, casamento, comunidade ou igreja – sempre será permeado de frustração e desapontamento. Então, o perdão torna-se a palavra para o amor divino no contexto humano (NOUWEN, p. 155, *apud* BOMÍLCAR, p. 200).

É oportuno analisar aqui a *natureza* dessas frustrações a que se refere Nouwen, que podem possuir algumas vertentes: (1) essas pessoas estão frustradas com seus pastores porque estes de fato não apascentam, são mercenários e despreparados para discipular e cuidar do rebanho? Ou (2) estão frustradas com as igrejas porque estas são legalistas e não respeitam o valor do significado de ser corpo de Cristo? Ou (3) estão frustradas com as igrejas e seus pastores por não verem satisfeitos os seus interesses pessoais no sentido de querer seguir a Cristo sem carregar a cruz, ou querer ser discípulo sem estar disposto a aprender, ou querer fazer parte de uma instituição sem se submeter aos seus procedimentos de organização?

Este tipo de comportamento foi predito por Paulo em um de seus escritos a Timóteo: “Pois virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, sentindo coceira nos ouvidos, segundo os seus próprios desejos juntarão mestres para si mesmos. Eles se recusarão a dar ouvidos à verdade, voltando-se para os mitos” (2Tm 4.3,4 NVI). Essa postura ignora, de forma contundente, o valor da igreja como corpo de Cristo – e como corpo, não está imune a alguma doença, que deverá ser sarada –, o valor do culto cristão comunitário, o valor dos benefícios da *koinonia* e o crescimento espiritual através do ensino da Palavra de Deus, por mais que isso confronte os seus interesses pessoais. Diante disso, Warren W. Wiersbe destaca:

A distância entre a “coceira nos ouvidos” e os ouvidos moucos para a verdade é muito pequena. Uma vez que as pessoas rejeitam a verdade, passam a aceitar as “fábulas”. É pouco provável que as fábulas criadas por homens convençam pessoas de seus pecados e as levem ao arrependimento! O resultado é uma congregação de cristãos professos acomodados, ouvindo palavras confortáveis sem qualquer doutrina bíblica. Cristãos assim tornam-se presas fáceis para todo tipo de seita, pois sua vida não está alicerçada na Palavra de Deus. É fato comprovado que a maioria dos membros de seitas costumava ser de alguma igreja (WIERSBE, 2009, vol. 6, p. 331).

Jesus também experimentou uma situação de *abandono* por alguns “discípulos” que o acompanhavam por interesses próprios, não estando dispostos a suportar o conteúdo dos seus ensinamentos. Bastou um sermão um pouco mais *direto*, para que desistissem de segui-lo. “Duro é este discurso; quem o pode ouvir?” – diziam (Jo 6.60,66 NVI). Isso explica por que muitos buscam nutrir uma espiritualidade sem comunhão, preferindo *servir a Deus* numa zona de conforto (via internet, rádio ou TV, focando em alguns “ídolos” que arrebanham milhões de seguidores, ou com seus grupinhos em alguma casa), não se dispondo a submeterem-se à dura jornada de uma vida espiritual com

compromisso nem ao desafio comunitário de *ser igreja*. Paulo acrescenta: “O Espírito diz claramente que nos últimos tempos alguns abandonarão a fé e seguirão espíritos enganadores e doutrinas de demônios. Tais ensinamentos vêm de homens hipócritas e mentirosos, que têm a consciência cauterizada” (1Tm 4.1,2 NVI).

O escritor aos Hebreus (10.24) fez uma importante recomendação sobre o incentivo mútuo ao amor e às boas obras, alertando que se evitasse uma prática recorrente já naqueles dias: “Não deixemos de reunir-nos como igreja, segundo o costume de alguns, mas encorajemo-nos uns aos outros, ainda mais quando vocês vêem que se aproxima o Dia” (Hb 10.25 NVI). Conforme este relato, conclui-se que o abandono às reuniões como igreja, por alguns, não era algo pontual ou eventual, mas um costume. Significa que aquelas pessoas não se firmavam em nenhuma igreja, considerada um local onde – nas palavras de Bomilcar – deve haver o “ajuntamento dos santos, como comunidade que interage e que se completa com a presença e influência do outro, no exercício dos dons para a edificação, a fim de estarmos mais aptos para servir ao Senhor, à comunidade e ao próximo” (BOMILCAR, 2012, p. 198,199). Ele também apresenta a seguinte reflexão:

Temos a tendência de nos fazermos de vítimas, não nos colocando como parte também dos que decepcionaram ou feriram alguém durante a caminhada de ser igreja, na instituição, nos templos ou nas casas. Muitos estão desejando juízo, mas não misericórdia, para com os que provocaram a dor e o descrédito na igreja. Preciso ter a coragem de olhar para o meu íntimo e perceber que sou potencialmente alguém que pode frustrar e decepcionar os outros, focando somente meu espaço e meu interesse, e não considerando o que será melhor para Deus e para o próximo (BOMILCAR, 2012, p. 73).

Em seu ensaio *Os dez cenários contemporâneos com os quais a igreja deve lidar* (e enfrentar os desafios que estes lhe impõem), o teólogo Jorge Henrique Barro apresenta, como o primeiro deles, o que denominou “*A solidão e o individualismo*”. Para ele, a igreja é uma “sociedade de pertencimento”, ao invés de uma “sociedade da solidão”, e se reporta à reprimenda de Paulo aos crentes de Corinto (1Co 11.20-22), afirmando que aquilo que deveria ser um “ajuntamento do amor”, se transformara num “ajuntamento dos egoístas”, no tocante ao momento em que deveriam participar da “santa” ceia (BARRO, 2017, p. 110,111).

Sobre esse individualismo exacerbado, Denise dos Santos Rodrigues<sup>4</sup> chama a atenção para o fato de o indivíduo já não estar mais preocupado com sua participação na sociedade, mas com suas próprias emoções e história, e acaba se isolando, guiando-se pelo que se conhece como *código narcisista*:

Trata-se de uma preocupação excessiva com a projeção do indivíduo, que tem consequências sociais e pessoais, como a limitação da participação na vida pública e a fuga dos compromissos, decorrentes principalmente do medo constante de atrair opiniões e gerar acontecimentos desagradáveis. Assim, o indivíduo se retira das associações, das instituições, transferindo toda a sua vida para o espaço mais íntimo, longe do público, onde ele sente-se à vontade, inclusive, para estabelecer sua conversa particular com o divino, reprimindo manifestações públicas de emoções, opiniões, de religiosidade (RODRIGUES, 2007, p. 22, 23).

Todd D. Hunter considera que alguns cristãos podem ter adquirido uma visão clara de um tipo diferente de vida em Cristo, mas ainda estão confusos ou hesitantes sobre a igreja, e perguntam: Devemos voltar para a igreja? Por que? Como? E Todd responde:

---

4 Doutora em Ciências Sociais pela UERJ e Mestre em Ciência Política pelo IUPERJ.

*Devemos voltar à igreja?* Sim, mas para uma nova concepção de igreja como aquela reunião que antecede o jogo, não como o próprio jogo. *Por quê?* A igreja é o lugar para o envolvimento com práticas espirituais importantes que têm nutrido seguidores de Jesus há milhares de anos. *Como?* Colocando a igreja em seu devido lugar. O reino de Deus – a ação de Deus na terra – é o ponto culminante da lealdade dos cristãos. A ação de Deus cria a igreja, o povo chamado e enviado de Deus. Depois da ascensão de Cristo, do derramamento do Espírito e do estabelecimento da igreja, a igreja (sic) se tornou o principal meio pelo qual a ação de Deus é expressa (HUNTER, 2012, p. 163).

Dan Kimball faz uma reflexão sobre qual o tipo de *Jesus* de quem os desigrejados dizem gostar e de qual tipo de *igreja* eles não gostam, visto que, sendo a igreja propriedade exclusiva de Jesus, não há como dissociar Este daquela, isto é, parece não fazer sentido algum “gostar” de Jesus, mas ter aversão à Sua noiva. Para Kimball, no tocante ao tipo de *Jesus* de quem se diz gostar, por um lado, há aqueles que O banalizam em camisetas *fashion*, adesivos para carros, canecas e pinturas estranhas, comercializadas por lojas cristãs, e, no outro extremo do espectro cristão, o terreno fundamentalista mais radical fez que Jesus *se transformasse* numa personagem vingadora e enraivecida (KIMBALL, 2011, p. 52,53).

Já quanto ao tipo de igreja da qual se afirma não gostar, esta não é de fato a igreja bíblica, na opinião de Kimball. Para ele, a igreja não se restringe aos encontros que temos nos domingos:

A igreja bíblica é feita de pessoas. Meus entrevistados podem descrever um ou dois (ou diversos) cristãos individuais que os tenham magoado, mas a igreja de Jesus não se define por um indivíduo. A igreja bíblica é o grupo de todos aqueles que seguem a Jesus em todas as horas e lugares (At 9.31). A igreja bíblica também é a igreja local, a comunidade específica de seguidores de Jesus

em dado lugar e momento (At 5.11; 1 Ts 1.1). No entanto, quando alguns seguidores de Jesus não agem de acordo com o cabeça da igreja, Jesus, da maneira que o agrada, as pessoas supõem que isso represente todas as igrejas e todos os cristãos. Elas não enxergam a igreja como algo belo e precioso para Jesus, como sua noiva (KIMBALL, 2011, p. 67).

## 5. UMA PROPOSTA DE REINTEGRAÇÃO PELA REFLEXÃO E O DIÁLOGO

Um cristão não aliado a uma igreja é como um navegante à deriva: falta-lhe direção; ou como alguém que se perdeu em uma trilha: falta-lhe apoio, alimento e proteção; ou ainda como quem vive alienado: não desfruta de comunhão e nada pode oferecer. Tomar conhecimento dessa realidade e nada fazer para revertê-la confronta os ensinamentos de Jesus sobre inclusão (por parte dos pastores) e submissão (por parte dos dissidentes). Uma aproximação deve ocorrer de ambos os lados, e os pastores devem tomar essa iniciativa, como alguém que deverá *prestar conta das almas* que lhes foram dadas para delas cuidar: “Obedeçam aos seus líderes e submetam-se à autoridade deles. Eles cuidam de vocês como quem deve prestar contas. Obedeçam-lhes, para que o trabalho deles seja uma alegria e não um peso, pois isso não seria proveitoso para vocês” (Hb 13.17 NVI). Este texto bíblico resume bem o que se espera dessa relação ovelha-pastor: obediência e submissão, de um lado; cuidado e responsabilidade, do outro. Enquanto cada lado “se mantiver com a razão”, o problema só tenderá a se avolumar. O diálogo é o ponto de partida para reverter esse quadro.

### 5.1 DO PONTO DE VISTA DOS PASTORES

Neste contexto, Alderi Souza de Matos recomenda que algumas ações preventivas e corretivas – que ele denomina *perspectivas pastorais* – devam ser tomadas pelos pastores, tais como:

(a) Autocrítica, pela qual os pastores precisam admitir que suas igrejas não são perfeitas e que seu comportamento pastoral pode afastar alguns membros, devendo estar sensíveis a todos esses aspectos, através do diálogo, a fim evitar a evasão desnecessária de membros; (b) Discipulado, como um elemento complementar ao evangelismo, pelo qual aqueles que ingressaram na comunidade possam receber um acompanhamento adequado nos primeiros meses e anos de sua vida cristã; e (c) Pastoreio, que corresponde à necessidade de assistência pastoral constante e cuidadosa aos membros novos e antigos (MATOS, 2014, p. 30-32).

Na opinião de Richard Baxter, “É dever inquestionável dos ministros em geral que se disponham à tarefa de instruir e orientar individualmente a todos aqueles que são entregues ao seu cuidado” (BAXTER, 2014, p. 32). Para Bomilcar, “a conversa em uma discussão aberta e transparente promove um caminho saudável. Poderia ferir menos gente e diminuir o número dos sem-igreja” (BOMILCAR, 2012, p. 157). Mesmo sabendo que a *boa ovelha* está sempre em grupo, pois isso é da sua natureza, é dever de cada pastor *correr atrás* daquela que se desgarrou (Lc 15.4-6), e ao mesmo tempo identificar os motivos e motivações que a teriam levado a tal atitude, a fim de fazer os devidos ajustes, evitando que outras ovelhas também se *desgarrem* do rebanho. Achar que a *fuga* da ovelha é problema só dela pode ser um erro primário. Relembrar esta recomendação de Paulo é oportuno neste contexto: “Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, que ele comprou com seu próprio sangue” (At 20.28 NVI).

Os pastores devem, portanto, dedicar o mesmo empenho no cuidado e edificação dos membros, da mesma forma que se empenharam para conquistá-los pela evangelização. Devem desenvolver estruturas, descentralizadas ou não, que lhes permitam acompanhar a vida das ovelhas no seu dia a dia, não como quem as *fiscaliza*, mas como quem se preocupa com elas, procu-

rando saber se estão bem ou se lhes falta algo, e deixando bem claro que a porta do seu gabinete estará sempre aberta para todas elas, e não somente para alguns mais chegados.

## 5.2 DO PONTO DE VISTA DOS *FIÉIS* DISSIDENTES

Se, por um lado, os pastores precisam creditar boa parte do seu tempo, oração e lágrimas à busca daqueles que se foram – primeiramente, procurando identificar suas motivações para o êxodo, e depois, efetivamente se lançando à sua procura –, os desigrejados também precisam rever seu posicionamento arredo, sendo humildes para admitir que não estão acima do bem e do mal e que, como humanos, também podem estar nutrimdo falsas expectativas em relação a uma igreja local, dirigida por seres humanos sujeitos a falhas, em cujo ajuntamento pode haver divergências, que devem ser combatidas com o perdão, humildade, amor e paz:

Portanto, como povo escolhido de Deus, santo e amado, revistam-se de profunda compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência. Suportem-se uns aos outros e perdoem as queixas que tiverem uns contra os outros. Perdoem como o Senhor lhes perdoou. Acima de tudo, porém, revistam-se do amor, que é o elo perfeito. Que a paz de Cristo seja o juiz em seus corações, visto que vocês foram chamados a viver em paz, como membros de um só corpo. E sejam agradecidos (Cl 3.12-15 NVI).

Da mesma forma, aqueles que desistiram de *ser igreja* para seguir a determinados líderes midiáticos e/ou literários sem igreja (pela internet, TV, rádio, redes sociais e através de seus livros e artigos) devem, primeiramente, parar um pouco e *investigar* a vida pregressa desses líderes (“ídeos”, para alguns), procurando saber por que eles deixaram de *ser igreja*.

Portanto, os *sem-igreja* devem rever sua posição em relação àqueles a quem seguem pela mídia, para não caírem no mesmo erro deles. É esta a oportunidade de procurarem o caminho de volta e se reintegrarem a uma comunidade onde possam desfrutar da comunhão, do partir do pão e das orações (At 2.42). Neste sentido, Nelson Bomilcar faz esta recomendação:

Aconselho muitos que se consideram sem-igreja a buscar congregar novamente e comungar como oportunidade do culto e vivência da fé, não porque haja mérito na regularidade e obrigação disso, mas porque certamente propiciará uma *disciplina espiritual* que muitas vezes não exercitamos, que abre a possibilidade de construirmos amizades sinceras ao partilhar nossa caminhada na vida e na fé (BOMILCAR, 2012, p. 198).

Muitos dos que deixam de ir à igreja nunca admitem não estar mais dispostos a seguir a Cristo; os que saem de lá quase sempre põem a *culpa* na instituição, na liturgia, nos pastores e nos outros crentes. Supondo que alguém ou algo na igreja possa ter, de fato, *ferido* algum membro, Henri Nouwen recomenda a prática do perdão, tal como Jesus recomendou:

Quando somos feridos pela igreja, nossa tentação é rejeitá-la. Entretanto, ao rejeitar a igreja, torna-se muito difícil manter-nos em contato com o Cristo vivo. Quando dizemos: “Amo Jesus, mas odeio a igreja”, acabamos por perder não somente a igreja, mas a Cristo também. O desafio é perdoar a igreja. O desafio se torna particularmente grande porque quase nunca a igreja pede nosso perdão, pelo menos não oficialmente. Mas a igreja como organização humana que falha com frequência precisa do nosso perdão, embora a igreja como o Cristo vivo entre nós continue a nos oferecer perdão. É importante pensar na igreja não como “um prédio ou algo concreto”, mas como uma comunidade de pessoas fracas que lutam, da qual fazemos parte e na qual encontramos nosso Senhor e Redentor (NOUWEN, 2001, *apud* KIMBALL, 2011, p. 254).

Sabe-se que igreja não salva, mas um salvo deseja estar na igreja para cultuar aquele que o salvou. Sabe-se também que a salvação possui três dimensões, sendo uma delas a dimensão progressiva, que pressupõe a prática do perdão, da fé, da misericórdia, do amor fraternal, da tolerância, enfim, da produção do fruto do Espírito, que é a personificação do caráter de Cristo na vida do cristão. Somente um ambiente comunitário como a igreja, com tantas pessoas diferentes, que devem suportar-se mutuamente, permite o amadurecimento cristão com a prática dessas virtudes. Abrir mão disso para viver em uma zona de conforto significa ignorar a salvação em seu estágio progressivo. Por isso, todo esforço é necessário para mantermos em atividade a nossa comunhão com os irmãos, ainda que isso seja doloroso.

Uma vida cristã sem a experiência do convívio comunitário inibe a produção de algumas virtudes do fruto do Espírito (Gl 5.22), como o amor, a paz, a paciência, a compaixão, a mansidão. Um cristianismo sem essas virtudes pressupõe uma vida desprovida da presença do Espírito, e a Bíblia diz que “se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Rm 8.9). É oportuno ressaltar aqui o que diz Thomas Merthon neste sentido:

[...] a mais pura verdade é esta: o amor não é uma questão de se obter o que se deseja. Muito pelo contrário. A insistência em sempre ter o que se deseja, em sempre obter satisfação, em sempre ser saciado, torna o amor impossível. Para amar, você precisa sair do berço, onde tudo é “obter”, e crescer para a maturidade da doação, sem se preocupar em obter coisa especial em troca. A mor não é transação, é um sacrifício. Não é marketing, é uma forma de culto (MERTON, 2004, p. 35).

Se o caminho para os pastores buscarem os desigrejados (ou evitarem que se desliguem) passa (a) pela autocrítica; (b) pelo discipular; e (c) pelo pastorear, assim também aqueles que não mais pertencem a uma igreja – mas querem seguir a Cristo –, igualmente devem pegar a mesma rota para encontrar o

caminho de volta: (a) pela autocrítica, refletindo sobre o seu posicionamento arredo e sua indisposição de enfrentar qualquer desafio comunitário, fato que lhes impede de usufruir de todos os benefícios (pessoais e espirituais) que só em uma comunidade cristã se pode obter; (b) pela permissão para *se deixar* discipular (ser ensinado), estando dispostos a “suportar a sã doutrina” (2 Tm 4.3); e (c) pela disposição de *ser ovelha*, seguindo e obedecendo com alegria as orientações do seu pastor, para nunca se desgarrar do rebanho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jargão “*Deus sim; igreja não*”, tão defendido por alguns escritores e por outros que se dizem pastores, e aclamado por alguns milhões que se declaram evangélicos, não pode ser considerado um caminho sem volta, ou uma tendência irreversível. O valor atribuído pela Palavra de Deus à igreja local e ao desafio comunitário por parte de quem se dispôs a tornar-se discípulo de Cristo e a fazer parte do Seu corpo não pode ser ofuscado por uma nova *filosofia* de vida cristã que, na perspectiva de alguns pastores, prioriza interesses pessoais em detrimento do discipulado; e, por parte de alguns membros, pressupõe uma espiritualidade instalada em uma zona de conforto onde o *levar a cruz* tornou-se algo fora de qualquer cogitação.

Sobre os ombros dos pastores recai a responsabilidade pela reversão dessa tendência, no sentido de reconhecerem que precisam rever sua postura diante do rebanho, para cuidarem melhor deste e serem mais criteriosos na admissão de novos membros. Por outro lado, o joio deve ser identificado no meio do trigo; isto é, aqueles que se dizem cristãos, mas não querem comunhão, nem compromisso, nem aprendizado, devem decidir se querem ou não seguir a Cristo e participar do seu corpo, em vez de questionarem a quem está tentando seguir o Caminho estreito. Dan Kimball expressa o seu desejo em relação a essa realidade:

Que não sejamos fracos, mas tenhamos a força e a coragem de escapar da subcultura cristã e verdadeiramente ser uma igreja em missão. Que oremos fervorosamente com um coração missional, pedindo que o Espírito de Deus se mova na vida daqueles com que estamos fazendo amizade. Que as pessoas que gostam de Jesus, mas não da igreja, compreendam o Jesus da Bíblia e também a vida plena e maravilhosa que vida, morte e ressurreição trazem. E que elas deixem de gostar de Jesus para amar a Jesus, e de não gostar da igreja para amar a igreja, reconhecendo que esta, a despeito de suas fraquezas e enganos, ainda é o corpo de Jesus e a noiva que Ele ama (KIMBALL, 2011, p. 255).

Que a busca da reversão do êxodo eclesial seja uma semente a brotar no coração dos pastores e dos crentes desigrejados, não para que a igreja se encha, mas para que esses crentes possam também chegar à unidade da fé e do conhecimento de Cristo, completando a medida que o Senhor espera que completem em seu corpo, sendo Ele próprio a cabeça.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcos Orizon Nunes de. **Teologia Sistemática: Eclesiologia e Escatologia**. Londrina: FTSA, 2017.

ALMEIDA, Marcos Orizon Nunes de. **Culto e Liturgia**. Londrina: FTSA, 2017.

BARRO, Jorge Henrique. Que a igreja seja Igreja: cenários contemporâneos e seus desafios. **Revista Teológica Praxis Evangélica**, nº 28. Londrina, 2017.

BAXTER, Richard. **O pastor aprovado**. São Paulo: PES, 1989.

BEVERE, John. **Quebrando as cadeias da intimidação**. Rio de Janeiro: Luz às Nações, 2012.

BÍBLIA. Português. **Nova Versão Internacional**. São Paulo: Vida, 2003.

BOMILCAR, Nelson. **Os sem-igreja**. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

BUENO, Sérgio Henrique de Siqueira. As igrejas midiáticas e o aumento dos sem-igreja. **Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA**, Vol. 5, nº 2, 2013.

COMBLIN, José. **O Espírito Santo e a libertação**. Petrópolis: Vozes, 1988.

DUSING, Michael L. In: **Teologia Sistemática: uma perspectiva Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

GONÇALVES, Alonso. Uma espiritualidade sem igreja: a emancipação institucional e o surgimento de novas experiências religiosas. **Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura**. Edição nº 45. Ano X. Janeiro/Fevereiro/Março de 2014.

HUNTER, Todd D. **Dê uma chance à igreja**. São Paulo: Ultima-to, 2012.

KIMBALL, Dan. **Eles gostam de Jesus, mas não da igreja**: insights das gerações emergentes sobre a igreja. São Paulo: Vida, 2011.

MACARTHUR, John. **Redescobrimo o Ministério Pastoral**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

MATOS, Alderi Souza de. Não deixemos de congregar-nos: Enfrentando o problema da evasão de membros. **Fides Reformata**, Mackenzie XIX, nº 1, 2014.

MERTHON, Thomas. **Amor e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NOUWEN, Henri. **Pão para o caminho**. São Paulo: Loyola, 2001.

RODRIGUES, Denise dos Santos. Religiosos sem Igreja: Um Mergulho na Categoria Censitária dos Sem Religião. **Rever – Revista de Estudo da Religião**. Rio de Janeiro: Dezembro/2007.

SEVERA, Zacarias Aguiar. **Manual de Teologia Sistemática** – Revisado e Ampliado. Curitiba: ADSantos, 2014.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo** – Novo Testamento. Volume 6, Santo André: Geográfica, 2009.